MEMÓRIA HISTÓRICA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA TIMBÓ

Célia Alves da Cruz Figuerêdo[1]

RESUMO: Faremos, nesta apresentação, a análise histórica, de uma comunidade quilombola, Timbó, Lá está edificada a igreja mais antiga de Garanhuns, erguida no século XIX. E o objetivo deste trabalho é evidenciar o conhecimento da comunidade negra rural, remanescente de quilombo, Timbó, evidenciando o tempo presente (1988 a 2021). Ao mostrarmos este objeto de estudo, buscamos narrar como surgiu a comunidade e qual motivo levou a esse surgimento. Em nossos estudos vimos que, a referência de quilombo, era de um lugar de resistência e refúgio dos escravizados fugitivos. Nessa comunidade veremos que o quilombo surgiu como um lugar de refúgio, de esperança e não um lugar de formação de um exército de escravizados fugitivos. Veremos a devoção a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, a partir da edificação de uma capela em sua homenagem. Iremos ver que no resgate da memória da comunidade, nos deparamos com uma comunidade iletrada e por isso com tradição oral, que não deixam que suas identidades históricas sejam esquecidas e recriadas historio graficamente. A pesquisa se trata eminentemente bibliográfica, em razão de estar na faze inicial, não tendo ainda caminhado com a pesquisa documental e oral.

PALAVRAS-CHAVES: Quilombola Timbó. Memória Histórica.

1 ESCRAVIDÂO NO BRASIL

1.1 O SURGIMENTO DOS QUILOMBOS

O nosso trabalho tem como tema uma comunidade Quilombola negra rural remanescente de quilombo chamada Timbó. Para Carlos Magno Quilombo é: “ uma contradição estrutural da realidade escravista”. A definição colonial de quilombo começava pela reunião de cinco ou mais escravos fugitivos e ainda toda a habitação de negros fugitivos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles. (Gomes, 2018).

Através do tráfico Atlântico, chegaram milhões de homens e mulheres do continente Africano. Ao serem capturados tornaram-se escravos e aqui chegando passam a ter uma vida de trabalhos intensos, castigos e maus tratos sem cessar. Durante o período

[1] Universidade Católica de Pernambuco, Mestranda do curso de História.

da escravidão, foram muitos os protestos e insurreições contra essa dominação, em busca da sobrevivência em um país com costumes diferentes dos oriundos da África (Ribeiro, 2006).

As fugas, foram as mais fortes formas de protestos, eram individuais, coletivas, assim surgiu as comunidades de escravizados fugitivos. A organização das fugas, eram de forma consanguínea, ao serem capturados na África, e quando aqui chegaram com seus familiares ou isolados, formavam grupos de resistência e a formação dos grupos funcionavam como um casamento. Havia também os que perpetravam as fugas isoladamente, de toda forma, fugir era uma atitude que os levava de forma coletiva ou isolada, a alcançar o objetivo tão sonhado que era um só," Alcançar a Liberdade."

Pode-se perceber que as fugas coletivas, se davam entre os africanos que possuíam valores culturais muitos próximos ou seja, com pessoas provenientes dos mesmos grupos de procedência. (Soares,2005).

"Onde houve escravidão houve resistência. E de vários tipos. Mesmo sob a ameaça do chicote." O escravo negociava espaços de autonomia com os senhores ou fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantações, agredia senhores e feitores, rebelava-se individual e coletivamente. (Reis e Gomes,2018). Dos canaviais e engenhos do Nordeste surgem as primeiras notícias de fugas de escravos e a constituição em comunidades. Há constantes anúncios em jornais da época a procura de escravizados fugitivo.

Figura 1 – Anúncio de fuga de escravizados



Fugiram

da fazenda da Boa Vista de Pirassununga no dia 20 do corrente os escravos seguintes :

Simão 25 annos, preto, altura regular, sem barba e desdentado, tendo na mão direita só dois dedos indicador e pollegar, e um caroço nas costas do lado esquerdo.

Gregorio 25 annos, preto fulla, sem barba, falta de dentes na frente, e pernas finas.

Quem os entregar na referida fazenda a Manoel Francisco da Silveira será gratificado com cem mil réis de cada um.

Pirassununga, 29 de Junho de 1886.

3—3 Manoel Francisco da Silveira.

Fonte: saopauloantiga.com.br

No Brasil, desde as denominação nas primeiras décadas da colonização, tais comunidade ficaram conhecidas primeiramente com a cambos e depois quilombos. O termo quilombo só aparece na documentação colonial no final do século XVII. Em geral a terminologia usada antes era mesmo mocambo(Gomes,2015)

Os quilombos e mocambos floriram com viço especial na capitania das Minas Gerais durante o século XVIII, o Século do Ouro.

A formação do quilombos, foram uma das maneiras que os escravizados obtiveram para se livrarem da opressão a que foram submetidos, Quilombos eram sinônimos de transgressão à ordem escravista. Gomes nos fala que, em Pernambuco, no final do século XVII, dizia-se que os quilombos multiplicavam o número de habitantes pois muitos escapavam " levados do amor da liberdade", outros por temer o castigo de seus senhores, além das expedições feitas pelos quilombolas mais antigos, que tanto induziam aqueles que estavam nas senzalas a escapar como realizavam sequestros para aumentar a população dos mocambos. Os quilombos e mocambos se formam quase sempre a partir dos escravos fugitivos.

"A liberdade", escreveu a historiadora Barbara Fields, "não era uma condição fixa, mas um alvo em constante movimento". Os quilombos brasileiros ocuparam sertões e florestas, cercaram e penetravam em cidades, vilas, garimpos, engenhos e fazendas; foram atacados e usados por grupos escravistas, aos quais também atacaram e usaram em causa própria; fugiram da escravidão e se comprometeram com a
Escravidão; combateram e se aliaram com outros negros, índios e brancos pobres; criaram economias próprias e muitas vezes prósperas (Reis e Gomes,2018).

No Brasil ao contrário de outras áreas escravistas nas Américas, as comunidades de fugitivos se proliferam como em nenhum outro lugar exatamente por sua capacidade de articulação com as lógicas econômicas das regiões onde se estabeleceram. Nunca isolados, mantinham trocas econômicas com variados setores da população Colonial, que incluíam taberneiro, lavradores, faiscadores, garimpeiros, pescadores, roceiros, camponeses, mascates, tanto como escravos como livre

2 GARANHUNS TERRAS DE QUILOMBOS

"Os teus vales bravios outrora
Esconderam fugitivos de cor..
A liberdade da Terra arvora
Estes homens de novo pendor"
(Marques, Hino de Garanhuns,1995)

Nossa cidade mesmos tendo referências de cativos fugitivos de cor em seu hino, vemos claramente que os habitantes da cidade de Garanhuns, não se identificam como descendentes também de escravizados, só os que habitam nas comunidade quilombolas .Muitos não sabem da existência das comunidade Quilombolas no território da cidade de Garanhuns, muitos não aceitam está referência de Terras de Quilombos., havendo até conflitos entres os habitantes , pois muitos só aceitam a referência de "SUISSA PERNAMBUCANA" .

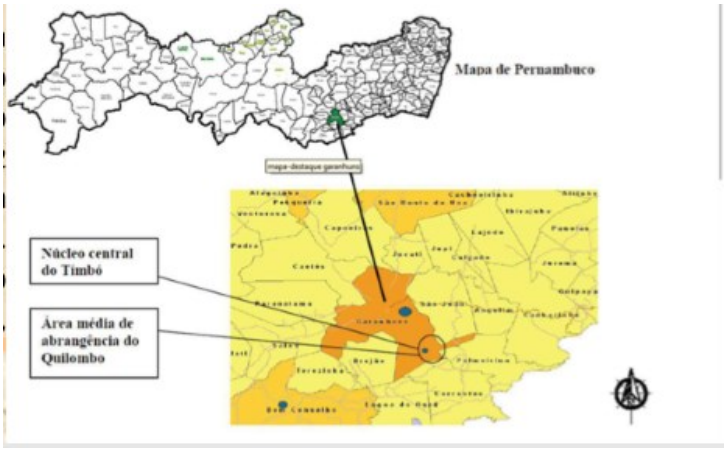
2.1 COMUNIDADES QUILOMBOLAS EXISTENTES EM GARANHUNS

Conforme Silva (2020), africanos e africanas chegaram em Garanhuns ilegalmente principalmente pelo desembarque no Litoral Pernambucano e Alagoas: Tais chegadas eram exponenciais. Para Silva (2020, p.119) "na escravaria dos grandes proprietários, os africanos representavam 38,36% do total para os médios proprietários, 27,86%; já para os pequenos, 38,29%.

No município de Garanhuns, atualmente estão localizados seis comunidades quilombolas: Castainho, Estiva, Tigre, Estrela, Timbó e Caluete. Observamos que os moradores destas comunidades vivem realmente de forma isolada, principalmente as comunidades que estão localizadas mais distantes do centro urbano. Essa distância dos centros urbanos não é coincidência, uma vez que historicamente os escravizados foragidos preferiam permanecer distantes dos centros. Vários escravos foragidos organizaram-se em localidades distantes como forma de resistência ao sistema escravista imposto, sendo esta uma forma de sobrevivência e luta contra a escravidão diante das repressões sofridas. Dessa maneira, formaram-se os quilombos, lugar de refúgio desses negros. Sendo considerada uma alternativa possível diante do quadro de escravidão, refugiando -se em locais de difícil acesso e mantendo-se em posição

Das seis comunidades quilombolas da região, só uma está localizada próxima ao centro urbano, o quilombo Castainho, devido ao progresso e consequente crescimento urbano da cidade. A comunidade do Castainho está atualmente praticamente vizinha a um grande bairro da cidade de Garanhuns, os demais quilombos estão localizados em áreas de difícil acesso. A comunidade do Timbó é a mais distante de todas, devido a isso os seus habitantes ainda vivem de forma isolada, possuindo uma vida de conformismo.

Figura 2 - Localização Timbó



Fonte: INCRA, 2009

3 A ORIGEM DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO TIMBÓ

Por volta do século XVII, um negro escravizado fugitivo da Bahia, que juntou-se a outras famílias negras que também estavam fugindo e viviam escondidas nas matas próximas, ergueram uma capela, que fora dedicada à Nossa Senhora de Nazareth e assim formou-se a comunidade quilombola Timbó, onde está localizada a igreja mais antiga da cidade de Garanhuns, conhecida pelo nativos como “a igrejinha do Timbó”. Segundo a história contada pelos quilombolas, à imagem tem mais de 400 anos, foi esculpida em Portugal. Dessa forma, ergueram a capela e foi crescendo a comunidade TIMBÓ, segundo os seus moradores.

> Pelo que meu pai falava... pelo que meu pai falava! ... Um negro, um negroescravo que chegou aqui, um Zé Vitoriano, era José Vitor de

> Anchieta... ele era fugido, veio de Angola, segundo dizia eles. Aí ele ficou em Ilhéus na Bahia. Lá ele ficou e de lá ele fugiu, saiu a fora e chegou aqui em Garanhuns. Quando chegou em Garanhuns, aí começou a trabalhar prum padre. Dizem que ficou trabalhando prum padre... Aí ele ficou trabalhando pro padre. Aí ele falou pro padre que era fugitivo, que tava fugido. O padre falou: '- tá certo, quando chegar aqui eu resolvo'. Com dois anos o senhor dele veio, ele chegou em Garanhuns. Aí ele (o padre) falou: '-apois eu compro a alforria do negro'. Comprou a alforria do negro. Dizem que até custou cento e vinte mirréis. Naquele tempo um nego muito bom, pra ser muito bom ,assim dizia eles (o pai e o avô), valia sessenta mirréis, mas o negro porque tinha muito prestígio, o patrão botou o pé na parede. Cento e vinte, o padre pagou. Ele já tinha ganhado esse dinheiro já. (...) Ele era viúvo e deixou três filhos na Bahia. Aí quando o padre comprou a alforria dele, ele trabalhou mais um pouco e foi buscar os filhos na Bahia. Pagou a alforria deles, agora não sei quanto. Pagou a alforriados três filhos e veio aqui pra Garanhuns. Aí o padre mandou ele caçar, precurar terra vazia, onde ele achasse ele se alojasse... Dizem que quando ele chegou no Cavaco por diante, aí ele desceu: do Arto do Cavaco ao Arto do Benedito; ao Rio da Inhumas, ao Rio de Mandaú, ao Arto do Benedito. Aí ele alojou-se, aí ele foi lá e o padre passou um documento pra ele. Aí ele alojou-se lá. (...).[2]

Está edificado na comunidade timbó, a igreja mais antiga da cidade de Garanhuns, conhecida pelos nativos como "a igrejinha do timbó que fora dedicada à nossa senhora de Nazaré. Que foi construída segundo a história oral por volta de 1814.

Segundo Leite (1968), a igreja matriz das cidades de Garanhuns, dedicada a Santo Antônio, teve o início de sua construção 1855 e só terminando em 1859, assim sendo vemos o grande valor cultural da igreja de nossa senhora de Nazaré que é a igreja mais antiga ainda edificada na cidade de Garanhuns.

[2]INCRA. Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território da Comunidade Remanescente de Quilombo do Timbó. Documento oficial do INCRA. Recife, set. 2011;

Figura 3-Igreja datada do séc. XVII



Fonte: Blog do Carlos Eugênio Igreja do Timbó

3.2 NOSSA SENHORA DE NAZARÉ

A imagem da santa, segundo a história contada pelos quilombolas, tem mais de 400 anos e foi esculpida em Portugal, em meados do século XVII.



Fonte: Carlos Eugênio.(blog do Calos Eugenio.com.br)

Uma imagem foi trazida através de um negro escravizado fugitivo da Bahia, que juntou-se a outras famílias negras que também estavam fugindo e viviam escondidas nas matas próximas. e dessa forma, ergueram a capela e foi crescendo a comunidade.

Timbó, vemos claramente que a história da formação do quilombo timbó está enredada com a história da igreja e da imagem de nossa senhora de Nazaré e foi esse enredo que formou o povo do Timbó, os Timbozeiros, que vivem sobre a proteção de nossa senhora de Nazaré, daí vemos a grande importância da igreja. Vemos claramente

que a história da formação do quilombo Timbó está enredada com a história da Igreja e da imagem de nossa senhora de Nazaré e foi esse enredo que formou o povo do Timbó, os Timbozeiros, que vivem sobre a proteção de Nossa senhora de Nazaré, mostrando a importância da santa para a comunidade. A imagem de Nossa Senhora de Nazareth e a Igreja fazem parte da constituição do Timbó," a maior parte dos portas vozes da História concorda que ela está ali por que o José Vitorino fez uma promessa pedindo-lhe proteção. Uma imagem foi trazida através de um negro escravizado fugitivo da Bahia, que juntou-se a outras famílias negras que também estavam fugindo e viviam escondidas

Para a comunidade quilombola, a igreja é como se fosse a mãe de todos, ela é o sustento espiritual daquele lugar, a veneração a Nossa Senhora de Nazareth se estende até hoje, há missas na igreja e ainda se reza o terço em latim, conforme a tradição da igreja, onde todos os membros da comunidade sabem rezar, inclusive os jovens. Com o passar do tempo, além da luta pela territoriedade, veio a necessidade do reconhecimento da importância histórica e religiosa da Igreja do Timbó tanto para os quilombolas, como também para a região e assim surgiu o desejo de tombamento do sítio histórico do Timbó.

> O processo de tombamento iniciou-se em 1986, onde o estudo recebeu um parecer desfavorável ao tombamento e só em 2014 com uma nova equipe técnica e um novo estudo, foi recomendado o tombamento do sítio Histórico da Igreja do Timbó. Sendo concluído em fevereiro de 2020, ano que foi publicado o Decreto nº 48.693. Representando, dessa forma, o seu valor histórico e identitário para a comunidade. Datada dos fins do século 18, a Igreja do Timbó, que está situada nas imediações do Distrito de Iratama, é considerada um achado histórico e detém valor arqueológico, etnográfico, histórico, arquitetônico e paisagístico, sendo o templo religioso mais antigo de Garanhuns. De acordo com documentos antigos, a origem da construção está associada a uma imagem de Nossa Senhora de Nazaré, que teria sido trazida da Bahia por um negro escravo fugido do cativeiro entre 1650 e 1700. O Escravo teria se juntado a outras famílias negras para erguerem a pequena igreja em homenagem a Santa. A Igreja está construída num plano elevado, em tijolo artesanal (EUGÊNIO, 2016)



Diário Oficial
Estado de Pernambuco

Poder Executivo

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO
SECRETARIA DE CULTURA
FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PERNAMBUCO – FUNDARPE
EDITAL DE TOMBAMENTO
Sítio Histórico da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré do povoado de Timbó
(Processo Administrativo Secretaria de Educação do Estado nº 0404542-1/09)

A Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE, torna público que o então Secretário de Educação do Estado, Danilo Jorge de Barros Cabral, fundamentado na legislação estadual, CEP/1989, Lei nº 7.970/1979, Lei nº 13.375/2007 e Decreto 6.239/1980, que em consonância com a legislação federal, CF/1988 e DL. Nº 25/1937, deferiu a proposta de tombamento do **Sítio Histórico da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré do povoado de Timbó** (igreja, imóveis situados defronte ao referido templo, e cemitério). Cientifica-se que mencionado Sítio detém valor arqueológico, etnográfico, histórico, arquitetônico e paisagístico, achando-se localizado no Distrito de Iratama, município de Garanhuns. Pelo exposto, salienta que a partir da abertura do processo de tombamento, fica assegurado ao referido bem, até a resolução final do Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural - CEPPC, o mesmo regime de preservação dos bens efetivamente tombados. Recife 01 de junho de 2016. Márcia Maria da Fonte Souto. Presidente da Fundarpe.

3

ALEGACÕES FINAIS

Em contrapartida, é notório que as pessoas que vivem na comunidade não têm a percepção da importância histórica do quilombo para a construção cultural da região, dificultando a compreensão da identidade do local. Saber a história de noção significa resgatar e preserva a tradição daqueles que contribuíram para que chegássemos ao ponto em que nos encontramos. Trata-se de uma oportunidade única para compreender inclusive a nossa história.

[3] 1 Processo Administrativo da Secretaria de Educação do Estado nº. 0404542-1/09

Em meados de 2017, por conta de minha profissão, cheguei ao povoado Timbó e fiquei impressionada com o descaso em relação à importância cultural, histórica e religiosa da capela da comunidade. Havia também o abandono da comunidade, com políticas públicas precárias, lá havia uma pequena escola com uma única sala e, posteriormente, acerca de dois anos, a escola foi fechada.

Outro ponto é que na comunidade não existe saneamento, água encanada e posto de saúde. Há eletrificação, mas não tem acesso à comunicação e o único apoio da comunidade é o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) que atende cinco quilombos e só consegue proporcionar atendimento ao quilombo Timbó duas vezes por mês.

Como afirmado anteriormente, muitos quilombos estão localizados em áreas de difícil acesso e seus habitantes ainda vivem de forma isolada. Alguns sobrevivem da agricultura e outros de programas de assistência social, como o programa do bolsa família e o programa "minha casa minha vida", onde foram beneficiadas apenas 50 famílias na comunidade do Timbó. Vale salientar que parte da comunidade não tem conhecimento da totalidade dos seus direitos, para muitos os seus direitos se resumem ao direito a terra e é por isso que se observa o abandono destas comunidades por parte dos governantes.

Como demonstrado, é evidente o descaso governantes com a comunidade do Timbó. Ao encarar a situação atual da comunidade, verifica-se que muitas pessoas vivem como se estivessem no século XVIII, vivendo em um local parado no tempo, que não se desenvolve em razão da falta de incentivo de políticas públicas.

Em consequência dessa situação, com o passar do tempo, a comunidade vai envelhecendo, pois os seus jovens saem da comunidade em busca de educação, saúde, emprego e devido a grande distância do centro urbano, a tendência é ficar mais na cidade.

Destarte, é evidente a necessidade de conhecer a importância histórico da Capela de Nossa Senhora de Nazaré no quilombo Timbó e implementar o conhecimento histórico, patrimonial e religioso despertando o interesse não só dos quilombolas, mas também de acadêmicos, políticos e o público em geral. Também pretende proporcionar conhecimento à população católica da região, visto que a história da Igreja de Nossa

senhora de Nazaré não é popularmente conhecida por todos, sendo apenas pela comunidade local e arredores.

Dessa forma, o trabalho pretende proporcionar benefícios para os que lá habitam, propiciando para eles mais programas, como programas de capacitação, de promoção, valorização da identidade e do patrimônio cultural quilombola Timbó nas escolas e criar mecanismos legais. E também estimular o comércio local, promovendo a divulgação e comercializações dos produtos artesanais do local.

Diante do exposto, faz-se necessário um estudo detalhado através de uma análise histórico-cultural da comunidade quilombola do Timbó, para proporcionar o reconhecimento do sítio histórico do Timbó como um importante patrimônio histórico, religioso, municipal e estadual, de modo que sirva de auxílio para os próximos estudos acerca do tema. E, através dessa pesquisa, se chegue a possíveis diagnósticos de como nasceu este drama social, buscando possíveis diagnósticos para os problemas existentes na comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÀFICAS

CANTARELLI, Jonnhy R. Rocha. Relatório Antropológico de Identificação do Território Da Comunidade Remanescente de Quilombo de Timbó. Recife: INCRA, 2011. P. 176.

CAVALCANTI, Alfredo Leite. História de Garanhuns. 2ª Ed. Recife, FIAM / Centro de Estudos de História Municipal, 1997.

EUGÊNIO, Carlos. Igreja do Timbó será tombada. http://www.blogdocarloseugenio.com.br/2016/06/igreja-do-timbo-sera-tombadapelo.html. Acesso em: 21 de janeiro de 2021.

INCRA. Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território da Comunidade Remanescente de Quilombo do Timbó. Documento oficial do INCRA. Recife, set. 2011; Marques, João. Hino de Garanhuns,1995.

MENESES, Janine Primo Carvalho de. Livramento, história de um lugar, memória de um povo. 2007. 91f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife;

REIS, João José. GOMES, Flávio Santos (orgs.). Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letra, 1996.

RIBEIRO, Alexandre Vieira. O tráfico atlântico de escravos e a Praça mercantil de Salvador (c. 1680-c. 1830). 149p. Mestrado em História – PPGHIS/UFRJ, Rio de Janeiro

SILVA, João Amaro Monteiro da. Relatório final sobre a comunidade de Nossa Senhora de Nazareth do Timbó. Garanhuns: Fundação Cultural Palmares, 2002.

SILVA, José Eduardo da Silva. Além Do Litoral: Escravidão No Agreste Meridional De Pernambuco (Garanhuns, 1800-1850). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. 133f. 2020.